

# JORNALISMO CIENTÍFICO E HISTÓRIA DA CIÊNCIA: APROXIMAÇÕES NO TERRENO DO PRESENTE

**Maria Fernanda Marques Fernandes**

Doutoranda HCTE/UFRJ

fernanda.marques@gmail.com

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a questão do tempo no jornalismo e analisá-la buscando uma aproximação com a história. Mais do que marcar o ciclo do dia, as edições dos jornais e telejornais também sinalizam a virada do presente para o passado. Se um determinado acontecimento, selecionado por critérios jornalísticos entre tantos outros acontecimentos, é alçado à categoria de notícia, então ele é percebido como presente por leitores e telespectadores. Esta percepção de presente se prolonga se, durante vários dias consecutivos, os desdobramentos do fato frequentam as manchetes de jornal e as chamadas de TV. Até que um dia, as abordagens daquele fato se esgotam. Ele passa da categoria de notícia ao arquivo de notícias. Na percepção de leitores e telespectadores, aquele acontecimento agora pertence ao passado. E é assim que, dia após dia, novos fatos jornalísticos destronam fatos jornalísticos presentes, que se tornam passado, em um ciclo sem fim. “A periodicidade de um jornal constitui o instrumento de dominação do tempo pelo jornalista e o jornal como instrumento de dominação do tempo pela sociedade” (MATHEUS, 2010).

Essa percepção social da passagem do tempo ficou mais acelerada com o advento da internet: os fatos presentes correm o risco de já serem passado antes mesmo de chegarem aos jornais e telejornais – afinal, o leitor/telespectador é agora também internauta e tem acesso a informações em ‘tempo real’ na web. Na era da internet, a periodicidade é uma faixa de tempo cada vez mais estreita, comprimida entre o agora e o instante seguinte, entre uma notícia on-line e sua atualização apenas alguns minutos depois. Em outras palavras, é como se o presente fosse cada vez menor – e o tempo, cada vez menos dominável, seja pelo jornalista, seja pela sociedade, pois sua passagem se confundiria com um turbilhão de fragmentos de notícias.

Porém, um novo fato, pelo simples fato de ser mais atual, não é capaz de destronar um fato presente e lançá-lo ao passado. Um fato presente não perde seu lugar no noticiário enquanto permanece repercutindo em conversações junto ao público. Ou seja: para desbancar um fato presente, um novo fato precisa ser, ao mesmo tempo, mais atual e tão ou mais interessante para o

público. A prática do jornalismo, portanto, depende fundamentalmente de uma afinidade com o público.

Sendo assim, os fatos que compõem o noticiário trazem consigo a impressão do tempo presente, mas esse sentido não é fabricado só nas redações: antes, ele é fruto das experiências sociais que dão vida ao jornalismo. Contudo, “não se pode esquecer que o jornalismo é uma prática de mediação social, pois atua como mediador tanto na apresentação dos fatos para uma coletividade quanto na sua interpretação, estabelecendo relações específicas entre atores, temas, situações e contextos diversos na construção do texto noticioso” (FRANCISCATO, 2000). Por um lado, o noticiário é associado à noção de tempo presente porque existe uma afinidade entre a prática do jornalismo e às expectativas e vivências cotidianas do público; por outro, o noticiário não é o espelho do tempo presente – ele é o resultado de uma mediação jornalística entre o tempo presente e o público, ou um dos muitos olhares possíveis sobre o tempo presente.

Apesar da mediação e das interpretações que faz, o jornalismo, ao longo de sua história, “conquistou uma legitimidade para produzir uma reconstrução discursiva do mundo com base em um sentido de fidelidade entre o relato jornalístico e as ocorrências cotidianas” (FRANCISCATO, 2000). O ideal a ser perseguido pelo jornalista, segundo os manuais do ofício, é um relato verdadeiro, imparcial, neutro e objetivo. No entanto, já é amplamente reconhecido que, na prática, o relato jornalístico não corresponde a esse ideal. As razões são as mais variadas, desde a impossibilidade de apagar totalmente do texto a subjetividade do autor até o problema da falta de tempo, que impede o jornalista de apurar todos os lados de uma história, passando pelo fato de que as redações pertencem a empresas, com seus interesses políticos e econômicos. De qualquer forma, ainda que o ideal não seja alcançado, o relato jornalístico não deve ser considerado uma falácia ou um amontoado de mentiras premeditadas. Na grande maioria das vezes, embora não consigam atingi-lo, os jornalistas estão, de fato, em busca do ideal. Se não fosse assim, o jornalismo não teria obtido a legitimidade social que conquistou.

Decorre que, apesar de não ser uma ciência, o jornalismo é uma forma de conhecimento. Segundo Franciscato (2000), uma das características que diferenciam o jornalismo de outros saberes sociais é a dimensão da atualidade, que poderia ser decomposta em, pelo menos, três sentidos: o sentido de proximidade, por meio do qual os atores sociais se reconhecem como integrantes de uma coletividade e se orientam sobre como proceder em determinadas situações; o sentido de imediatividade, que presentifica o conteúdo das notícias, isto é, esse conteúdo passa a ser percebido como presente, mesmo que se refira a algo que já aconteceu ou que ainda vai acontecer; e o sentido

de relevância pública, que eleva à categoria de notícia e, portanto, presentifica os fatos considerados capazes de interferir no cotidiano e auxiliar os indivíduos a participarem da vida social, seja qual for a temporalidade desses fatos.

Franciscato (2005), ao defender o tempo presente como uma dimensão essencial do jornalismo, propõe ainda cinco categorias de relações temporais que fornecem um arcabouço teórico para a noção de atualidade jornalística. Uma dessas categorias é a própria periodicidade. “A produção regular de notícias deu à sociedade um envolvimento continuado com eventos, desenvolvendo padrões de lembrança que possibilitavam acompanhar eventos em seu desdobramento, e, talvez, perceber relações causais. Além disso, a regularidade na oferta de notícias garantia uma alimentação continuada de informações para municiar debates e decisões públicas. A periodicidade jornalística institucionalizou-se como um modo de ordenar o tempo social” (FRANCISCATO, 2005).

Novamente, tomando como base o jornalismo on-line e a avalanche de notícias a que somos submetidos via internet, fica difícil conceber padrões de continuidade, lembrança e nexos causais. À primeira vista, as informações em ‘tempo real’ remetem a uma realidade estilhaçada – ideia que ganha força se associada à categoria da instantaneidade, segundo a qual o intervalo de tempo transcorrido desde a ocorrência do evento até seu relato para o público deveria parecer nulo ou quase nulo.

A categoria da simultaneidade, por sua vez, coloca em evidência a capacidade que o jornalismo tem de aumentar as experiências individuais. Assim, um determinado evento, em um determinado local, pode se tornar conhecido, ao mesmo tempo, por pessoas em vários locais diferentes. Do mesmo modo, uma determinada pessoa, em um determinado local, pode conhecer vários eventos que acontecem, ao mesmo tempo, em vários locais diferentes. Logo, se o fenômeno do jornalismo on-line é analisado à luz da simultaneidade, depreende-se que, embora o presente seja cada vez menor, nele cabem cada vez mais acontecimentos. E ordenar um número enorme de fatos simultâneos é uma tarefa difícil.

Apesar de se publicarem cada vez mais notícias em intervalos cada vez mais curtos, o número de eventos ocorridos será sempre maior que o número de notícias veiculadas. Como, então, selecionar os eventos que serão convertidos em notícias? Uma resposta está na categoria da novidade, segundo a qual “a notícia é indissociável de uma lógica de inovação, originalidade ou renovação que padroniza um modo de reconhecer e definir eventos e os apresentar publicamente por meio do relato jornalístico” (FRANCISCATO, 2005). É garantido que muitos fatos acontecem

todos os dias e o dia todo, mas não é garantido que esses fatos são novos ou originais. Ao contrário: a maior parte do que acontece é absolutamente normal e comum. Sem a certeza da novidade, como viabilizar os jornais diários, os telejornais matutinos, vespertinos e noturnos, e, principalmente, os *sites* de notícias, que precisam ser alimentados com notícias várias vezes ao dia? A resposta está nas estratégias de fabricação da novidade, procedimento que não deve ser confundido com a invenção de fatos ou dados falsos. Entre essas estratégias, destacam-se fragmentar uma mesma grande novidade em muitas novidades pequenas, contadas uma de cada vez, e narrar um fato como se ele não tivesse precedente, apagando suas marcas de passado.

Essas estratégias remetem à quinta e última categoria, a da revelação pública, segundo a qual o fato novo não precisa necessariamente acontecer no tempo presente: basta que ele seja tornado público no tempo presente para virar notícia, ou melhor, basta que ele seja enunciado sob a forma de notícia para se tornar parte integrante tempo presente. “O tempo da enunciação é, para o jornalismo, um ‘marco zero’ no tempo de circulação pública de uma notícia, a partir da qual ela se torna um ‘documento público’” (FRANCISCATO, 2005). Logo, se o tempo da enunciação é o ‘marco zero’, então, novamente, os traços do passado são apagados da notícia.

Enquanto Franciscato decompôs a atualidade jornalística em diferentes sentidos e categorias complementares, Matheus (2010), após estudar um total de 3 mil exemplares de três periódicos fluminenses ao longo de 180 anos – *Jornal do Commercio* (1827-2007), *O Fluminense* (1878-2008) e *Jornal do Brasil* (1891-2001) –, identificou três tipos de uso jornalístico do tempo: o cosmológico (e sua versão mística, o cosmogônico); o historiográfico; e o pragmático.

Os usos cosmológico e cosmogônico englobam quatro categorias de textos jornalísticos: sobre aniversários, obituários, bodas etc; sobre calendários religiosos (agenda de missas, santo do dia etc); sobre estações climáticas; e sobre efemérides e comemorações. As efemérides – materializadas em frases como ‘aconteceu há 100 anos’ – são interessantes para pensar a relação passado-presente no jornalismo. Algo que aconteceu há 100 anos é passado. Porém, no momento em que se comemora o centenário desse fato, ele retorna ao presente e reconquista a atualidade, um aspecto considerado indispensável à notícia jornalística. Nesse sentido, a efeméride é uma oportunidade para que o jornalismo apresente ‘interpretações’ ou ‘reinterpretações’ do passado e da história.

Já no uso historiográfico, a partir da percepção de que um fato do presente deve ‘entrar para a história’, o jornalista produz matérias especiais contextualizando aquele acontecimento e, assim, ajuda a construir junto a seus leitores uma memória coletiva sobre o tema. Como exemplo, *O*

*Fluminense* anunciava, já em 27 de abril de 1888, um exemplar especial intitulado *O Abolicionismo Perante a História ou O Diálogo das Três Províncias*. “Embora a abolição fosse um problema do presente, o jornal teve pressa não só em interpretar os acontecimentos no seu desenrolar como em produzir um material mais perene. A oportunidade de capitalizar financeira e simbolicamente aquele momento e de se tornar seu intérprete privilegiado fica evidente na reprodução integral na primeira página do dia 16 de maio de 1888 da Lei Áurea” (MATHEUS, 2010).

O uso pragmático, por sua vez, se refere às informações mais percíveis ligadas às ações e preocupações da vida cotidiana, incluindo textos sobre crimes, resultados de jogos, programação cultural etc. A autora lembra que a história se faz no cotidiano, mas também chama atenção para o fato de que, conforme o uso pragmático do tempo ganha força no jornalismo, a notícia se consolida por seu caráter de novidade e seu significado mais imediato. Assim, a notícia vai se distanciando das análises mais profundas, associadas a um panorama temporal mais espesso.

Por um lado, o jornalismo presentifica os acontecimentos, mesmo que estes já pertençam ao passado ou ainda estejam no futuro; por outro, o tempo presente do jornalismo é muito breve, dada a rapidez com que as notícias são produzidas, consumidas e substituídas por outras, mais atuais. No entanto, o mesmo fenômeno pode ser olhado de outra forma: basta considerar, como Santo Agostinho, que o tempo é feito só de presente, ou melhor, de um presente triplo. “O que agora claramente transparece é que nem há tempos futuros nem pretéritos. É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras” (2010, p. 181). De acordo com Santo Agostinho, “o futuro não é um tempo longo, porque ele não existe: o futuro longo é apenas a longa expectativa do futuro. Nem é longo o tempo passado porque não existe, mas o pretérito longo outra coisa não é senão a longa lembrança do passado” (2010, p. 186).

Parece lícito concluir, portanto, que o único tempo longo é o presente, pois é no presente que ocorrem a expectativa do futuro e a lembrança do passado. Se o jornalismo tem o compromisso social de narrar o tempo presente e este abrange a longa duração, então a narrativa jornalística deveria conter não apenas a visão da atualidade, mas também a expectativa do futuro e a lembrança do passado, conforme o ensinamento de Santo Agostinho. “O tempo do relato jornalístico é o atual, aquilo que está na ordem do dia, mas, segundo o plano narrativo, o agenciamento dos fatos é determinante para a articulação dos tempos. Dessa feita, assume-se que o triplo presente é o tempo

do relato jornalístico por excelência. A noção de temporalidade trina permite que o acontecimento se torne inteligível, e o leitor se veja incluído não num simples relato, mas num plano narrativo, compreendendo-se passado, presente e futuro” (DALMONTE, 2010).

Na prática, porém, os relatos jornalísticos, especialmente as matérias sobre ciência e tecnologia, ainda não atingiram a temporalidade trina: eles se aproximam mais de um presente duplo – com presente e futuro, sem passado. Entretanto, conforme orienta Dalmonte (2010), baseando-se nos ensinamentos de Santo Agostinho, “o discurso, ao lançar suas bases no passado, confere profundidade aos fatos, o que dá densidade ao presente”. Talvez por causa da ausência dessas bases no passado, o jornalismo se apresente como uma forma limitada de conhecimento do presente. As notícias sobre ciência e tecnologia, via de regra, se limitam a apresentar a parte mais imediata das pesquisas – isto é, os resultados –, destacando seus aspectos utilitários ou inusitados. As notícias não atentam para o fato de que os resultados, embora fundamentais, são só uma parte do longo e multifacetado processo científico.

Toda pesquisa tem antecedentes, isto é, outros estudos, em um passado mais ou menos distante, que lhe oferecem sustentação ou que lhe contradizem. É raro que pesquisas divergentes dialoguem dentro de uma mesma notícia – mostrar a divergência significaria admitir abertamente que uma pesquisa não fornece respostas definitivas, o que colocaria em xeque o atual modelo de jornalismo científico voltado para a aplicação futura dos resultados dos estudos. Por outro lado, até as pesquisas convergentes também não costumam dialogar em uma mesma notícia – revelar essas similaridades diminuiria o ineditismo e a singularidade de uma pesquisa, reduzindo seu valor como notícia. O mais comum é que cada pesquisa, convergente ou divergente, caso tenha apelo noticioso, ‘ganhe’ sua própria notícia, resultando em uma cobertura jornalística não só descontínua, mas desconectada, pois os fragmentos de informação fornecidos não dialogam entre si.

“Se o tema discursivo requer que cada notícia seja singular, a relação histórica entre duas ou mais delas é pouco explorada, uma vez que se perderia o caráter de novidade – assim, a realidade apresentada é fragmentária, descontextualizada. [...] A baixa frequência de relação causal entre os acontecimentos, de perspectiva histórica, acaba por confundir o leitor quando se apresentam fatos científicos que contradigam outros há pouco noticiados” (PASSOS, 2010). O jornalismo não pode mais ficar restrito à notícia superficial, que apenas descreve o fato imediato.

Com as novas tecnologias da informação e comunicação, qualquer um pode registrar a ocorrência de um fato em ‘tempo real’ – usando um telefone celular com câmera, por exemplo – e fazer comentários públicos sobre ele – interagindo em redes sociais, como o Twitter ou o Facebook.

Nesse novo cenário, o jornalismo, para conservar sua legitimidade social, precisa estabelecer um diferencial, o que remete ao resgate das análises do presente considerado em sua longa duração, incluindo a lembrança presente do passado. A necessidade de uma reinvenção do jornalismo, em geral, e do jornalismo científico, em particular, tem sido bastante discutida. Diversos autores têm chamado atenção para a importância de uma cobertura capaz não só de registrar os fatos, mas, sobretudo, de inseri-los na trama histórica à qual pertencem. “É sabido que o caminhar da história é complexo; logo, o jornalismo não pode ser simples e direto. É indispensável a mudança de foco” (LUCCHESI, 2008). A mudança de foco, portanto, recai na proposta de um modelo de jornalismo que pegue emprestado algumas características de historiador.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2010.

DALMONTE, Edson Fernando. Presente: o tempo do jornalismo e seus desdobramentos. *História*. 2010, vol.29, n.1, pp. 328-344. <http://www.scielo.br/pdf/his/v29n1/19.pdf>

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. A atualidade no jornalismo. Porto Alegre: IX Compós, 2000. [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1425.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1425.pdf)

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. O Jornalismo e a Reformulação da Experiência do Tempo nas Sociedades Ocidentais. Rio de Janeiro: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005.

<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/16751/1/R0109-1.pdf>

LUCCHESI, Ivo. O ritmo da história e o tempo do jornalismo. *Observatório da Imprensa*. 11/11/2008. <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o-ritmo-da-historia-e-o-tempo-do-jornalismo>

MATHEUS, Leticia Cantarela. A chegada do inverno ou o que tenho a ver com Kuala Lumpur? *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós*. 2010, vol.13, n.3.

<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/510/468>

PASSOS, Mateus Yuri. Jornalismo literário e a pirâmide: implicações discursivas na Comunicação pública da ciência. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. 2010, vol.33, n.2, pp. 199-219.

<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/view/6230/5452>